

NOTÍCIAS DA LANCHA

ÓRGÃO INFORMATIVO DA CONSTRUÇÃO DA LANCHA POVEIRA DO ALTO

A TODOS OS POVEIROS E AMIGOS DA PÓVOA

A perda da identidade cultural de uma comunidade compromete, irremediavelmente, o seu Futuro. Este depende, em grande parte, do modo como soubermos conservar e dinamizar criativamente o nosso Património Cultural.

A identidade da nossa Comunidade Marítima tem na LANCHA POVEIRA DO ALTO um dos seus símbolos mais expressivos e luminosos. É a imagem imperecível das "lanchas poveiras a saírem da barra entre ondas e gaivotas" que consubstância e assinala a Memória da viagem e da diáspora das técnicas de construção naval, da faina piscatória e das artes de velejar dos pescadores poveiros.

Desde que, há mais de trinta anos, se desvaneceu a memória física das velhas Lanchas Poveiras em solitário abandono na praia do pescado, sobre a pele do tempo um velho Sonho se agita.

Os modelos operatórios e metodológicos do Museu fundado por Santos Graça (1937-1956) não permitiram, por manifesta ausência de espaço adequado, conservar e salvar guardar o nosso valioso património naval e piscatório, que as rápidas mudanças tecnológicas subitamente transformaram em peça de Museu.

Também não se preservou esse poderoso saber fazer, sempre tão fugidivo à arte de museografar o tempo e o espaço, perdendo-se, assim, uma das componentes essenciais à compreensão da identidade cultural de um povo e de uma comunidade.

Desde 1982 que o Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim vem desenvolvendo todos os esforços possíveis em prol da construção da Lancha Poveira, integrando este velho Sonho de todos os poveiros nas mais diversas iniciativas culturais e científicas.

Uma esperança feita de certezas surgiu radiosa quando a Direcção do Clube Naval Povoense decidiu chamar a si, com a colaboração da autarquia poveira e das forças vivas da nossa terra, as responsabilidades e os encargos da realização deste velho sonho da nossa comunidade. O velho Clube Naval Povoense, a quem se deve uma parte importante da memória monumental da cidade - os monumentos erigidos em honra do Cego do Maio, Elísio da Nova e Rocha Peixoto -, aceita este desafio, confiado no patriotismo e no Bairrismo de todos os Poveiros.

CONVITE À POPULAÇÃO

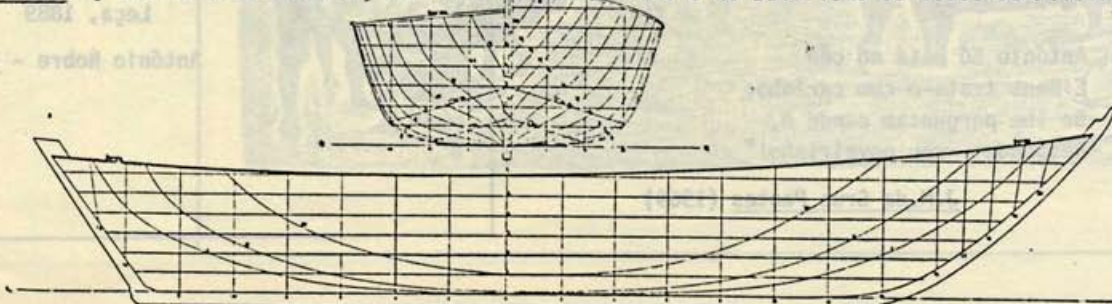
CONSTRUÇÃO DA LANCHA POVEIRA DO ALTO

27 de Fevereiro de 1991

NO POSTO NÁUTICO DO CLUBE NAVAL POVOENSE

ÀS 16.00 H. - INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DA LANCHA POVEIRA
LEVANTAMENTO DA QUILHA NO PICADEIRO

ÀS 18.30 H. - NA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA LAPA, MISSA MANDADA
CELEBRAR PELO CLUBE NAVAL POVOENSE EM INTENÇÃO DE
TODOS OS PESCADORES MORTOS NO MAR.



OH AS LANCHAS DOS POVEIROS

"Georges! anda ver meu país de Marinheiros,
O meu país das Naus, de esquadras e de frotas!

Oh as LANCHAS DOS POVEIROS

A saírem a barra, entre ondas e gaivotas!

Que estranho é!

Fincam o remo na água, até que o remo torça,

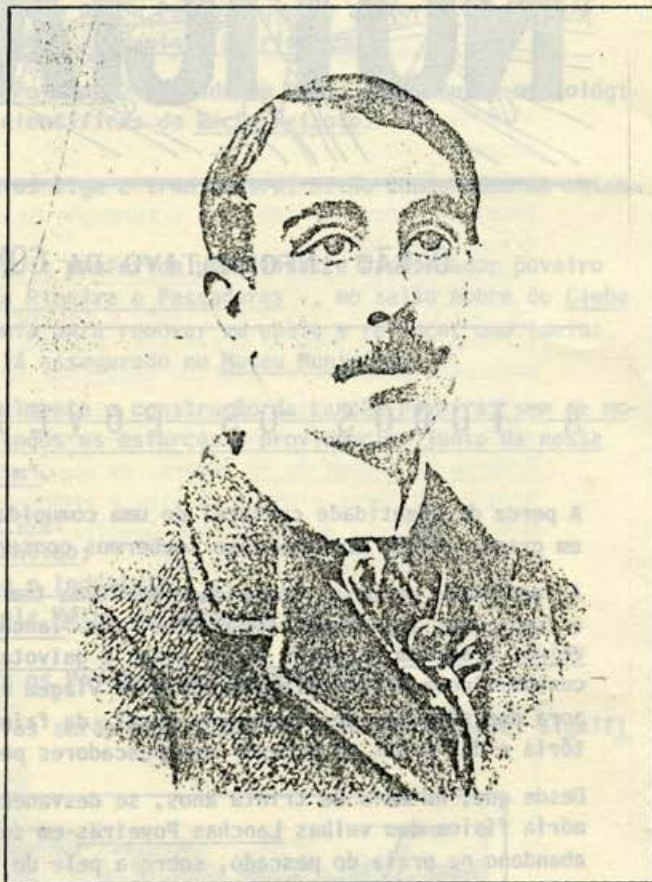
À espera da maré,

Que não tarda aí, avista-se lá fora!

E quando a onda vem, fincando-o a toda a força,

Clamam todos à uma: "Agôra! agôra! agôra!"

António Nobre - Só (1892)



"Se dos prosadores passarmos aos poetas que repararam nesta comunidade singular que é o pescador poveiro, antes de qualquer outro é António Nobre que encontramos.

Há temperamentos artísticos que sentem o mar, não como um tema, mas como alguma coisa de si mesmos. Espíritos sofredores, debruçados sobre as ondas e dialogando com o mar, desabafam mágoas e aliviam tristezas. O oceano imenso, sempre a erguer-se em ondas que não vencem a encosta da praia, define as inquietações do espírito e responde às insatisfações perturbadoras da paz íntima. Poetas de inspiração tranquila como lagos azuis procuram, na descrição da paisagem, transcrever a serenidade em que os olhos repousam. Poetas de alma atormentada tentam achar nos desencontros da natureza o símbolo do seu interior desentendimento.

Se nos propuséssemos ver o que significa o mar como expressão do drama profundo de António Nobre, depressa nos daríamos conta de que o mar, para ele, é quase o mar do pescador poveiro. Assim o entendeu já esse outro grande poeta do mar, Afonso Lopes Vieira, que escreveu esta quadra para uma "plaquette" editada na Póvoa de Varzim por ocasião de um festival promovido em Agosto de 1937:

António Só está no céu
E Deus trata-o com carinho;
Se lhe perguntam donde é,
Responde - sou poveirinho!"

J.M.da Cruz Pontes (1969)

Poveirinhos! meus velhos Pescadores!
Na Água quisera com Vocês morar:
Trazer o grande gorro de três cores.
Mestre da lancha *Deixem-nos passar!*

Far-me-ia outro, que os vossos interiores,
De há tantos tempos, devem já estar
Calafetados pelo breu das Dores,
Como esses pongos em que andais no Mar!

Ó meu Pai, não ser eu dos poveirinhos!
Não seres tu, para eu o ser, poveiro.
Mail' Irmão do «Senhor de Matosinhos»!

No alto mar, às trovoadas, entre gritos,
Prometermos, si o barco fôri inteiro,
Nossa bela à Senhora dos Aflitos! (2)

Leça, 1889

António Nobre - Só (1892)

A TRAGÉDIA DO DIA 27 DE FEVEREIRO DE 1892

A tragédia de 27 de Fevereiro de 1892, fez mergulhar em negro o garrido trajar poveiro. Não houve lar onde não entrasse o luto. Heroicidade, abnegação, de tudo houve nesse dia de angústia! A tempestade surpreendeu as lanchas no mar da Cartola a sudoeste de Aveiro. Duas lanchas, a do tio Praga e a do tio Jéque, caminhavam a par, apenas com uma latina, a caminho do norte. Tinham que seguir como Deus fosse servido, porque não havia força humana que as pudesse desviar do seu curso tempestuoso. Sem um minuto de descanso, os homens das companhias esforçavam-se para deitar fora a água, que as vagas alterosas teimavam em atirar para dentro das embarcações. Os mestres eram compadres e amigos. As companhias afoitavam-se mutuamente para não esmorecerem. Mas uma - a do mestre Jéque - pelas alturas de Esposende, encheu-se de água e soçobra; a outra tenta, mas não pode acudir-lhe. E o mestre da que naufraga que grita:

- "Não tentes o socorro, compadre, que morreis todos. Deus te queie e leve a salvamento! Leva o último adeus para as nossas mulheres e nossos filhos! Até à eternidade, compadre!"

O velho mestre João Praga levantou a mão num gesto de despedida mas não respondeu. Duas lágrimas rolaram-lhe pela face - mas ninguém mais lhe ouviu uma palavra. Leme bem firme, todo o dia e toda a noite até ao alvorecer do dia seguinte, em que entrou em Vila Garcia, na Espanha. Salvou a companhia. Dois dias depois chegava à Póvoa, de comboio. Após a tragédia nunca mais comeu, nunca mais falou. Oito dias depois da sua chegada - morria! A Grande dor de não poder salvar - matou-o!...

A. Santos Graça - Epopeia dos Humildes (1952)

Os Náufragos do Norte, in "Occidente", 11 de Março de 1892



FASEAMENTO CONSTRUTIVO DA LANCHA POVEIRA DO ALTO

CALENDARIZAÇÃO E ROTEIRO

1 - 27 de Fevereiro de 1991

1.1 - LEVANTAMENTO DA QUILHA NO PICADEIRO

1.1.1 - Montagem da estada
(registo das opera-
ções finais);

1.1.2 - Aprumagem da roda
de proa;

1.1.3 - Colocação das pri-
meiras cavernas;

1.2 - TRAÇAGEM DAS CAVERNAS NA SALA DO RISCO

1.2.1 - Plano geométrico
da Lancha - do papel para a grandeza;

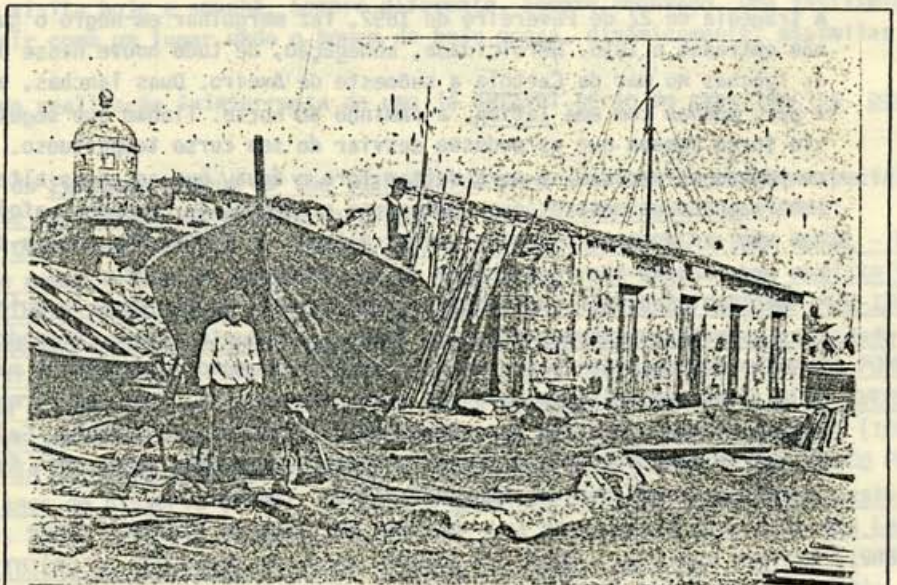
1.2.2 - Explicitação da origem das formas;

1.3 - RITUAIS SOCIAIS E DE PROTECÇÃO MÁGICA E RELIGIOSA

1.3.1 - Pregagem ritual da caverna mestra por um velho pescador;

1.3.2 - Colocação do alho porro, no alto do capelo e da cruz, na ré;

1.3.3 - Entalhamento de um sanselimão e de uma moeda debaixo da caverna;



Póvoa de Varzim - Antigos estaleiros de construção naval,
junto à Fortaleza de N^a. Sr^a. da Conceição

2 - Março de 1991

2.1 - MONTAGEM DAS CAVERNAS MESTRAS E ARMADOURAS

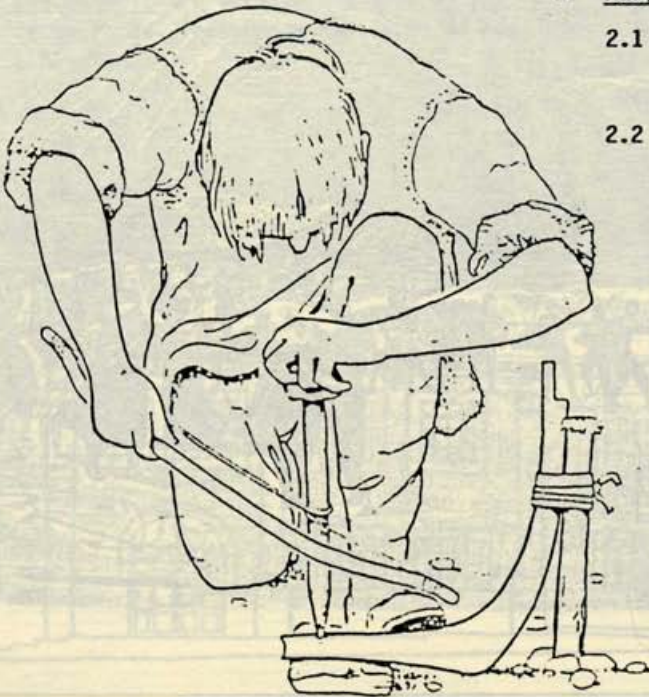
2.1.1 - Aprumagem e nivelagem a bombordo e a estibordo;

2.2 - METER O CORAL (por cima da Quilha na Ré)

2.2.1 - Piscas e hastes;

3 - Março de 1991

3.1 - CINTAGEM - Cintar o barco: colocar-lhe as
cintas a uma e outra borda, depois das ca-
vernias devidamente aprumadas;



4 - Abril de 1991

4.1 - VESTIR A LANCHA

4.1.1 - Colocação da Tábua de Boca;

4.2 - APARELHAGEM DAS CAVERNAS - Aperfeiçoamento interior (fase final);

4.3 - COLOCAÇÃO DOS DORMENTES E BANCOS

5 - 18 de Maio de 1991 - Dia Internacional dos Museus

5.1 - COLOCAÇÃO DOS LEITOS - pequenas cobertas, à proa e à popa do barco poveiro, adoptados depois do "27 de Fevereiro de 1892"

5.2 - COLOCAÇÃO DAS TOSTAS, GALEOTAS E CORREDORES

5.3 - COLOCAÇÃO DA CARLINGA

6 - Junho de 1991

6.1 - FECHAMENTO DA LANCHA DA TÁBUA DE BOCA À DO RESBORDO

6.1.1 - Colocação dos Fechos, no bojo, por todo o comprimento da embarcação;

6.1.2 - Colocação da Tinga, à ré, por cima da tábua de resbordo;

7 - Julho de 1991

7.1 - ACABAMENTOS E CALAFETAGEM

7.1.1 - Acabamentos e aperfeiçoamentos exteriores;

7.1.2 - Mão de aparelho - vedante e protector antigamente feito com óleo de peixe;

7.2 - CALAFETAGEM

7.2.1 - Introdução de estopa (na tábua do resbordo e alefrizes) e algodão nas juntas exteriores do casco da embarcação;

8 - Agosto de 1991

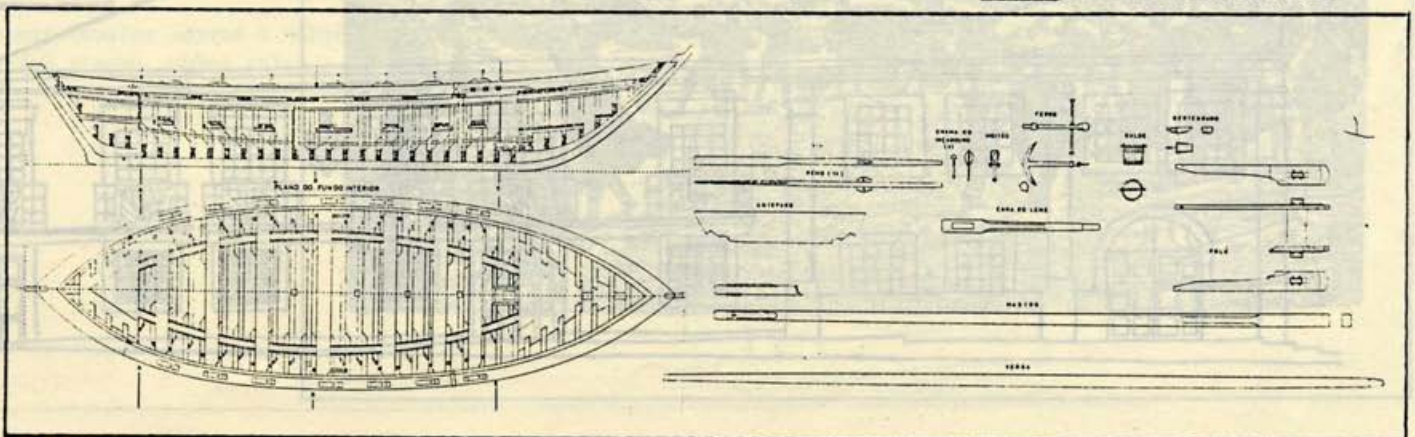
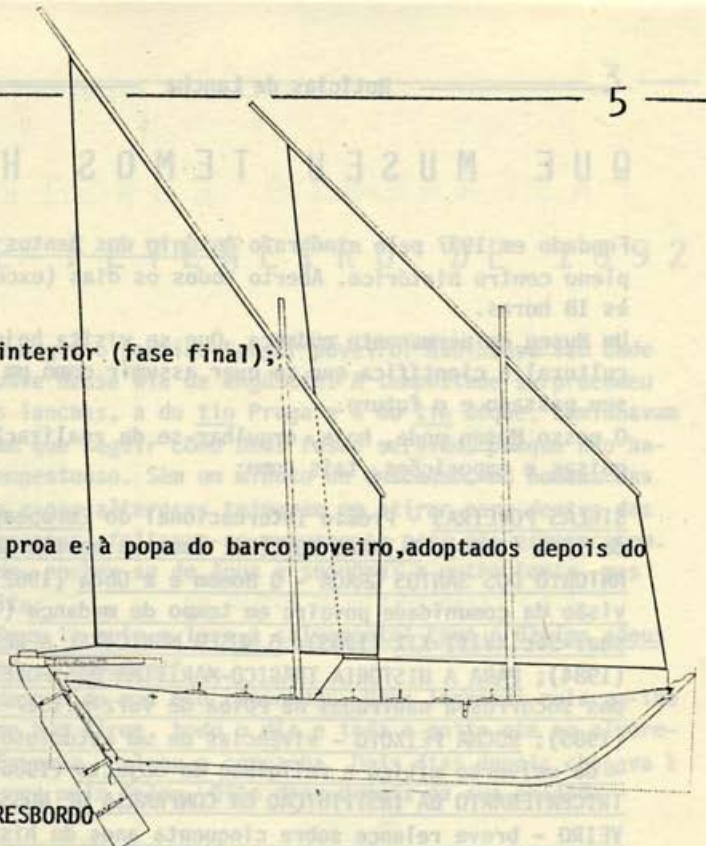
8.1 - FEITURA DOS APRESTOS: mastro, verga, remos;

8.2 - PINTURA DA LANCHA

8.2.1 - Cópia fiel da lancha "Fé em Deus", com todas as suas Divisas: Invocação, Oculos e Quatro piques em Cruz;

9 - 18 de Setembro de 1991 - 87º Aniversário da Fundação do Clube Naval Povoense

9.1 - BOTA ABAIXO / LANÇAMENTO À ÁGUA - condução do barco, de onde está varado, até à linha da maré.



QUE MUSEU TEMOS HOJE ?

Fundado em 1937 pelo etnógrafo António dos Santos Graça (1882-1956). Situado na Rua do Visconde de Azevedo, em pleno centro histórico. Aberto todos os dias (excepto às 2^{as}.feiras e feriados), das 10 às 12,30 e das 14,30 às 18 horas.

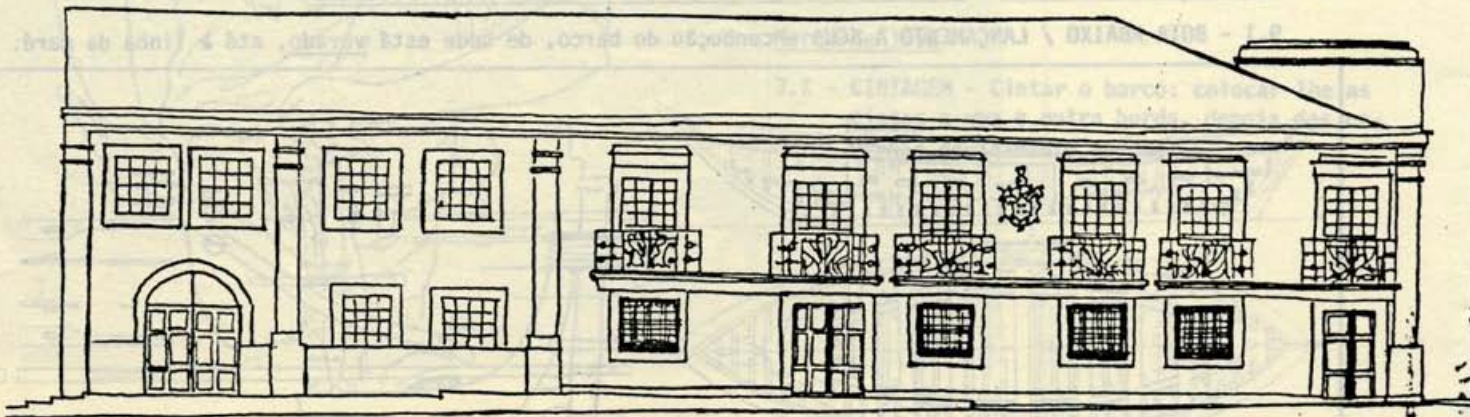
Um Museu em permanente mudança. Que se visita hoje e amanhã. Sempre diferente. Sempre renovado. Uma instituição cultural e científica que se quer assumir como um lugar onde o homem de hoje possa, dinamicamente, assimilar o seu passado e o futuro.

O nosso Museu pode, hoje, orgulhar-se da realização ininterrupta de uma já notável série de experiências, pesquisas e exposições, tais como:

SIGLAS POVEIRAS - Prémio Internacional do European Museum of the Year Award, para a melhor exposição especial de 1980 (1980); O TRAJE POVEIRO: como se vestiu uma comunidade marítima nos dois últimos séculos (1981); ANTONIO DOS SANTOS GRAÇA - O Homem e a Obra (1982); PÓVOA DE VARZIM/1882 - A PESCA OS BANHOS A VIDA RURAL - Uma visão da comunidade poveira em tempo de mudança (1983); ESCRITA POVEIRA - Um primeiro e muito breve registo visual-Séc.XVIII-XIX (1983); O MUSEU MUNICIPAL APRESENTA OS TAPETES DE BEIRIZ (1984); IMPrensa POVEIRA-1870-1984 (1984); PARA A HISTORIA TRÁGICO-MARÍTIMA DOS POVEIROS - José Rodrigues Maio, o "Cego do Maio" e a actividade dos socorros a naufragos na Póvoa de Varzim.1817-1884 (1984); A ERMIDA DA MATA E A HISTÓRIA RELIGIOSA DA PÓVOA (1985); ROCHA PEIXOTO - vivências de um estudioso e de um colecionador (1985); RELIGIOSIDADE POPULAR EM AVEROMAR - do universo mítico e religioso do objecto (1986); PARIS VISTA POR UM ESCRITOR POVEIRO - EÇA DE QUEIROZ (1986); TRICENTENÁRIO DA INSTITUIÇÃO DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO - 1686-1986 (1987); GRUPO FOLCLÓRICO POVEIRO - breve relanço sobre cinquenta anos de história (1987); A PESCA À LINHA DO BACALHAU - memória e gesta de uma grande aventura marítima (1987-91); BREVE EVOCAÇÃO DA QUARESMA POVEIRA - da Via Sacra à Procissão das Lanternas (1988); CINQUENTENÁRIO DA INSTITUIÇÃO DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO - um breve registo (1988); CENAS DA VIDA POVEIRA - a 1^a. Exposição Regional de Pesca Marítima de 1936 na génese do nosso Museu (1988); ALBERTO SAMPAIO - ou as seduções de Clío - 1841-1908 (1988-89); SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA ABADIA - memória religiosa e cultural de um centro de devoção mariana com oito séculos de história (1988); OS MAIAS - imagens e leituras de um espaço habitado (1988-90); AS VIAGENS DE UM GENE - a história das migrações da paramiloidose no mundo (1989-90); CRIAÇÃO E MONTAGEM DO MUSEU DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA ABADIA, instalado numa área recuperada dos "Quartéis" construídos nos finais do século XVIII (1990); CAMILO E A PÓVOA - com uma incursão original no universo e na vertigem dos jogos de azar (1990-91); UMA VIAGEM PELA ARTE - em volta de uma casula do século XVI (1991); A LANCHA POVEIRA E AS SUAS RELAÇÕES COM A TÉCNICA TRADICIONAL DE CONSTRUÇÃO MEDITERRÂNICA - a Exposição terá como núcleo vivo de trabalho a construção em estaleiro de uma "LANCHA POVEIRA DO ALTO" (Fev./Set. 1990); GOMES DE AMORIM - retrato de um escritor com a selva ao fundo (Exposição Comemorativa do I Centenário da sua Morte) (1991).

Nos últimos dez anos o Museu não tem deixado de alargar os seus horizontes, levando as Exposições SIGLAS POVEIRAS e O TRAJE POVEIRO a algumas dezenas de cidades portuguesas e estrangeiras.

O Museu encontra-se instalado num edifício construído na segunda metade do século XVIII, conhecido por Solar dos Carneiros e declarado Imóvel de Interesse Público em 1985. Nesse mesmo ano, depois de prolongadas obras de recuperação, restauro e ampliação do edifício, o Museu reabriu as suas portas cultural e cientificamente rejuvenescido.



QUE MUSEU QUEREMOS ?

Um Museu nunca é obra acabada! Conserva e divulga. Acompanha o tempo que corre. Aprofunda as suas relações com uma sociedade em constante mutação.

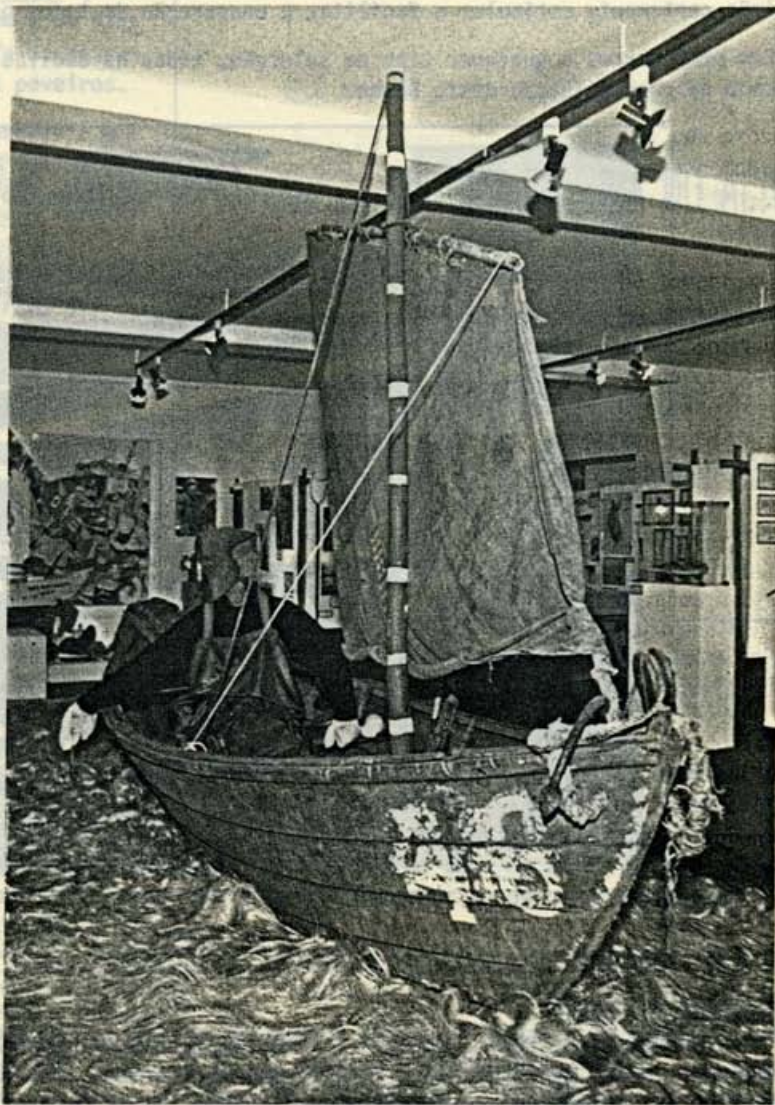
Tudo é composto de mudança. A leitura que fazemos de um texto ou de um objecto não permanece inalterável através dos séculos. O estudo das culturas não se faz isolado do avanço interdisciplinar das ciências humanas.

O Museu fundado em 1937 correspondia aos modelos operatórios e às práticas museológicas dominantes na época, que contribuíram para a formação de todo o processo criativo levado a cabo por António dos Santos Graça (1882-1956).

O Museu renascido em 1979, enquanto decorreram as obras de reconstrução e ampliação da velha "Casa dos Carneiros", deu início à criação e montagem de um notável conjunto de exposições temáticas e periódicas, geradas por um inédito e singular trabalho de pesquisa histórica e antropológica e, ao mesmo tempo, responsáveis pelo enriquecimento selectivo do nosso acervo museológico.

O Museu reaberto em 1985, graças ao trabalho realizado e às exposições produzidas nos últimos cinco anos, mantém hoje a mesma linha de acção museológica, que o tempo mostrou estar correcta e adequada.

O Museu da década de 90 deverá, em nossa opinião, corresponder a um novo projecto cultural e museológico que, de forma ainda mais viva e profunda, tenha em linha de conta o tempo e o espaço geográfico, humano e cultural da comunidade poveira. Ou seja: dar a conhecer a cultura local entendida como um todo. E assim visualizada e estudada.



VIRTUALIDADES DA COOPERAÇÃO:

CLUBE NAVAL POVOENSE - MUSEU MUNICIPAL DÁ PÓVOA DE VARZIM

Rastream-se já nos incios do século XX os interesses do Clube Naval Povoense pela conservação e divulgação do nosso património cultural. E em 1907, com o insigne etnólogo Rocha Peixoto que se alicerça e avança a ideia de dotar a Póvoa de um Museu, entendido como uma "obra de alevantado patriotismo".

O lugar escolhido foi, precisamente, a sede do Clube Naval Povoense, fundado em 1904, cujo acervo museológico se iniciou pela área da ictiologia, uma das vertentes científicas de Rocha Peixoto.

Um velho Museu e um provento Clube, irmanados pelo Mar que os liga e transfigura, estão condenados ao entendimento e à cooperação:

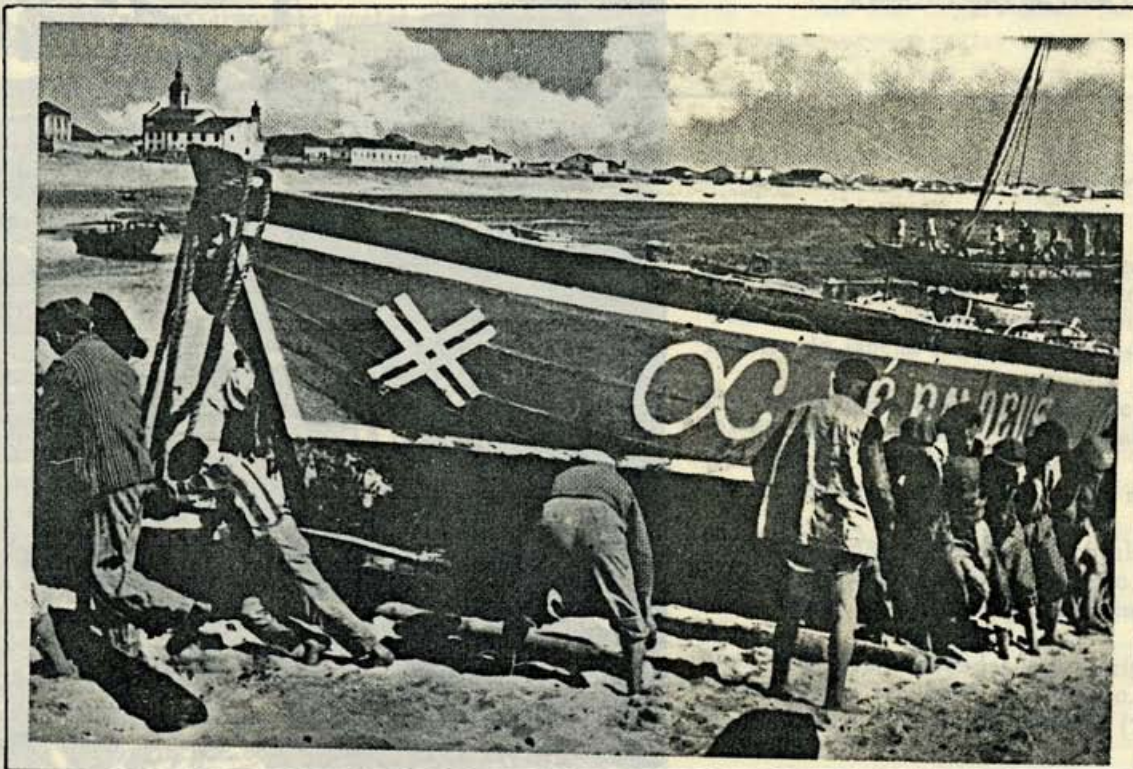
Em 21 de Setembro de 1990, quando da realização da conferência proferida pelo ilustre historiador poveiro Pe. Manuel Amorim - Homens do Mar: Pilotos, Carpinteiros da Ribeira e Pescadores -, no salão nobre do Clube Naval Povoense, o seu apresentador, Manuel Lopes, pediu vénia para renovar um apelo e relançar uma ideia: a Construção da Lancha Poveira, com espaço de preservação já assegurado no Museu Municipal.

De imediato o Clube Naval Povoense decidiu "assumir integralmente a construção da Lancha Poveira, sem de modo algum pôr de parte o apoio da nossa Câmara Municipal e todos os esforços a providenciar junto da nossa comunidade na angariação das verbas necessárias para tal fim".

As contas bancárias nºs.: 55974330 na Caixa Geral de Depósitos;
403415 no Banco Português do Atlântico;
030005770034 no Banco do Comércio e Indústria;
9557.8 na Caixa de Crédito Agrícola Mútuo da Póvoa de Varzim;
17480/5 no Montepio Geral,

irão certamente estimular e facilitar a cooperação de todos os Poveiros e Amigos da Póvoa.

Sem procedermos a qualquer tipo de selecção, todas as dádivas serão bem vindas, e ganharão especial significado na concretização deste Sonho.



NOTÍCIAS DA LANCHA

Propriedade: Clube Naval Povoense / Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim

Redacção: Museu Mun.Etn.Hist.P.Varzim, Rua do Visconde, tel.622200 - 4490 Póvoa de Varzim

Serviço de Documentação e Composição: Bibl.Mun."Rocha Peixoto", Praça Luís de Camões, 15, tel.684340 - 4490 Póvoa de Varzim